

Eu já tinha trabalhado com Engenharia demais, dado aulas demais e tinha estudado demais. Ai, quando me aposentei, em 1997, achei que o mundo ia sentir um pouco a minha falta e que alguém ia me convidar para alguma coisa, mas ninguém tomou a iniciativa. Então, eu aproveitei o embalo e resolvi mudar de assunto. Desde então, sem nenhuma mágoa, sem nenhum ressentimento, porque tive uma carreira muito boa, feliz, comecei a me interessar por outras coisas.

Eu não tinha computador, não gostava. Então comprei um. Internet. Você começa a ler jornal. Todo dia eu leio uma boa parte do "New York Times" Um jornal francês, tento entender alguma coisa. "O Estado de São Paulo", a "Folha de São Paulo" e "O Globo" leio diariamente. Pelo menos por duas horas diárias estou ligado no mundo. Uma vez houve um problema no computador e não sei como sobrevivi uma semana sem ele. Faz muita falta. Há também as leituras. Está na minha fila este livro (aponta um livro sobre a mesinha), muito bem cotado, mas não dá tempo de ler tudo.

Gosto demais de xadrez. Acho uma atividade que, mais que um jogo, beira a arte. Embora eu não seja dos melhores, ao contrário, sou até medíocre, mas sei apreciar o talento, e acho o xadrez uma coisa maravilhosa. Eu jogo todo dia, de uma a duas horas. Fim de semana, não, mas de segunda a sexta, sim. Tenho companheiros, amadores como eu, que de vez em quando chegam com um livro para discutir a partida

A APOSENTADORIA NA VISÃO DE ERIC HERMETO

Outra coisa: por uma série de razões, não me casei. Então, tenho as minhas namoradas, adoro cinema, teatro não, mas cinema eu adoro. Em suma, tenho tanta coisa para fazer que não teria tempo para trabalhar, definitivamente.

Eu me lembro que, para sair da CEMIG, havia um curso de aposentadoria, para a pessoa se acostumar. Muita gente dizia que, no terceiro dia de aposentado, eu iria estar subindo pelas paredes com as unhas, de desespero. Olha, já são vários anos de aposentadoria e, até agora, ao contrário: se eu pudesse ter um pouquinho mais de tempo para curtir uma leitura a mais, para ver mais filmes... mas não existe esse tempo. E tem gente que fala: "Como é que você conseguia fazer tudo quando trabalhava?" Porque nunca trabalhei menos de dez horas por dia. Ia para casa ou para o boteco e estava trabalhando.

Agora só tem uma coisa me incomodando, e já faz algum tempo, depois que percebi que o mundo não estava fazendo a menor questão da experiência. Porque eu me lembro quando o Fernando Pinto Peixoto (Turma de 61) morreu. Ele foi cria do Gabino (Turma de 58). Na CEMIG ele foi meu chefe. Trabalhava muito, dava a vida pela empresa. Os seus ídolos eram o Gabino e o Conduru (Turma de 52). Foram os que marcaram a empresa. E Fernando Peixoto foi um dos que marcaram a empresa também. Um dos prédios

importantes da CEMIG em Belo Horizonte tem o nome dele. Ele morreu em um acidente, no trabalho. Fiquei muito chocado na época, porque percebi o seguinte: ele morreu. Como para todo mundo, a gente dá no máximo trinta segundos de sinceras condolências, dali a pouco a vida chama para outras coisas, de vez em quando vem a lembrança, sente-se muito, mas não mais que alguns segundos. A vida é assim, né?

Me lembro que, depois que Fernando Peixoto morreu, depois das condolências e dos funerais, de todo mundo sentir muito a falta dele, começou a acontecer o quê? Ele era Superintendente, então uma pessoa foi promovida a Superintendente e abriu-se uma vaga de chefe de Departamento, que o diretor de Divisão ocupou. A Divisão vagou e colocaram um profissional bom na Divisão. Quer dizer, a coisa funciona desse jeito. Eu percebi que há uma pressão de baixo, e que experiência se adquire.

Uma empresa como a CEMIG tem uma inércia enorme. Pode-se tirar um monte de coisas que aquela bola vai continuar rolando muito tempo. Quando o Gabino, que marcou época na CEMIG, como chefe de Departamento, Superintendente de Engenharia, Diretor de Operações, que marcou a CEMIG... me lembro que, quando ele saiu, eu achei que ia acontecer alguma coisa na empresa. Não aconteceu absolutamente nada. Alguém foi para o lugar dele e a vida seguiu.

Depois que eu percebi isso, resolvi mudar de assunto.



Eric Hermeto

se formou no antigo IEI em 1967, no tempo em que se podia escolher a empresa para trabalhar entre as inúmeras propostas que recebia. Mas, tendo feito um estágio de um mês na CEMIG, encantou-se com a empresa, fez um teste e passou. Permaneceu em

Itajubá a espera de ser chamado e pensava: "Se a CEMIG não me chamar, não tenho interesse em outro emprego e vou ficar no meu Cursinho, que me dá uma graninha boa."

Eric, que sempre deu aulas, até de Português no Colégio Dezenove de Março de Itajubá, fundou o Curso Vestibular Antonio Rodrigues d'Oliveira, o CARO, quando estava no segundo ano de engenharia. Antes dava aulas no Cursinho Conduru, e conta que o seu fundador, o famoso José Conduru Pinto Marques, nunca o perdoou pela acirrada concorrência que lhe fez, pois "enquanto as pessoas saíam para festas, eu ficava bolando propagandas."

Mas, finalmente chegou o tão esperado telegrama da CEMIG: "Foi muito bom. É dessas coisas que a gente jamais esquece na vida..."

Entrou para a CEMIG numa fase de expansão, quando o importante era fazer projetos. Não

achou muita graça nessa área e ameaçou sair. Foi então convidado para um estágio na área de Transmissão, onde havia grandes obras. Ali passou um ano, adorando aquele trabalho.

Quando voltou para a Distribuição, quis começar a implantar um pouco do que aprendeu na Transmissão, pois foi lá que adquiriu alguma experiência em curto-circuito e coordenação de proteção. Uma das características da distribuição da CEMIG era os defeitos serem 80%, 90% transitórios. A empresa estava começando a importar religadores. Foi então que começou a se interessar por essa área de religadores, disjuntores, coordenação de proteção e elos fusíveis, estudando muito o assunto e se sentindo preparado nesta área.

A convite da EFEI começou a dar aulas de Distribuição. Conseguia manter seus alunos atentos e interessados, embora ele mesmo reconhecesse que seus conhecimentos eram muito teóricos por não ter experiência de operação

Ainda não era desta vez que Eric se sentiu seguro nos seus objetivos e quase mudou de rumo profissional, quem sabe se tornando um jornalista. Conseguir emprego no jornal Estado de Minas, pois seu pai tinha sido colega de turma e era muito amigo do Diretor desse jornal. Porém, mais uma manobra do destino o fez mudar de idéia.

A CEMIG acabara de comprar a Companhia Força e Luz, que operava em Belo Horizonte. E lhe foi perguntado se não gostaria de ir para a área de operação da rede de Belo Horizonte. Acostumado com o trabalho em pequenas cidades, uma rede "enorme" como a da capital mineira seria um desafio, principalmente porque era uma oportunidade "para ver se o que eu ensinava acontecia mesmo".

A ida para Belo Horizonte mudou sua vida.

Deixou o seu plano B de ingressar no jornalismo e se entusiasmou com as novas descobertas no campo profissional, marcadas principalmente pela recente entrada do computador, aquele computador enorme de cartões perfurados, que três ou quatro anos depois seria substituído com vantagens por uma HP portátil.

Em seguida Eric passou para a área de rede subterrânea de Belo Horizonte. Para elaborar as normas de manutenção dessa rede foi duas vezes para os Estados Unidos, porque a antiga Força e Luz idealizava um sistema de isolamento diferente do já utilizado no Rio e em São Paulo.

"Estive na rede subterrânea alguns anos, depois fui redistribuir a Distribuição de Belo Horizonte, dividindo-as por áreas, a partir de uma experiência da França. Depois fui para a Superintendência de Engenharia, já com uma bagagem de operação muito boa. Fiquei alguns anos lá e, em 1997, depois de 30 anos trabalhando apenas na CEMIG, participando de todos os passos técnicos que a gente poderia seguir, saí rumo à aposentadoria. !"

NOTA DA REDAÇÃO: Eric Hermeto faz parte da AD-UNIFEI Regional de Belo Horizonte. Sua entrevista e dados de sua carreira profissional que constam neste Boletim, foram extraídos da publicação "A Mão e a Luz 2 - Memórias da distribuição de energia elétrica", lançada durante o XVII Seminário de Distribuição de Energia Elétrica - SENDI, ocorrido em Belo Horizonte, em 2006. Esta publicação e a que lhe antecedeu (XVI SENDI em Brasília, 2004), cujo objetivo é o registro da memória oral dos profissionais de destaque no setor elétrico brasileiro, foi coordenada por Paulo Roberto Vilela Pinto - Pig (Turmas de 1985 e editada por seu irmão, Francisco Vilela Pinto. Oportunamente pretendemos publicar outras entrevistas, de grande importância histórica, que atestam a grande participação dos ex-alunos da UNIFEI no desenvolvimento do setor elétrico do país.